

Dia de Luta mobiliza capitais do país

Foto: Renan Silva



NO RIO. A paisagem do Centro da cidade mudou na tarde/noite da sexta-feira, 20

Dezenas de trabalhadoras e trabalhadores e estudantes de várias idades participaram, na sexta-feira, 20, da alegre e multicolorida manifestação no Centro do Rio de Janeiro. Na última hora, a concentração marcada para a Candelária foi transferida para a Praça XV, e de lá os manifestantes saíram em passeata pela Avenida Rio Branco até a Cinelândia.

Os atos realizados no Brasil nesse “Dia Nacional de Paralisações e Manifestações em Defesa do Meio Ambiente, Direitos, Educação, Empregos e Contra a Reforma da Previdência” convergiram com Greve Global pelo Clima, que levou mi-



lhares de pessoas às ruas em todo o mundo.

Em várias capitais brasileiras, trabalhadores de várias categorias protestaram contra a reforma da Previdência, que deve ser votada em primeiro turno no Senado nesta terça-feira, 24.

A Greve Global pelo Clima foi realizada em mais de 150 países. Mas, no Brasil, as manifestações serviram para pôr em xeque a política ambiental do governo Bolsonaro. A data antecede a Cúpula do Clima da Organização das Nações Unidas (ONU), que será realizada nesta segunda-feira, 23, em Nova York.

'Neste palco iluminado, só dá Lalá'

Fotos: Renan Silva

Os versos do samba-enredo de 1981 da Escola de Samba Imperatriz Leopoldinense, em homenagem a Lamartine Babo, inspiraram o carinhoso apelido de Waldir Dias, o Lalá do Instituto de Biofísica ou das “peladas” às quintas-feiras, no campo da Prefeitura Universitária, no Fundão.

“Chama o Lalá” é a frase que mais Waldir ouviu durante a jornada de trabalho. E há uma razão para isso: “Não fujo de serviço. Tem chamado, atendo logo. Sempre fui assim”, diz o lateral direito do time dos veteranos da UFRJ, que reúne atletas de todas as unidades.

Um sonho

Ao contrário dos jovens estudantes da UFRJ, Waldir não ingressou na universidade aos 16 anos para frequentar a sala de aula. Com essa idade, ele já trabalhava como electricista, e foi contratado pela Fundação

José Bonifácio para reforçar o Setor de Manutenção do Instituto de Biofísica, uma das unidades acadêmicas do Centro de Ciências da Saúde (CCS). Mais tarde, conforme ocorreu com muitos prestadores de serviços, Lalá passou a fazer parte do quadro efetivo da instituição.

Aos 62 anos e no abono de permanência, o atleta Lalá tem um sonho: “Quero levantar a taça Sintufrj campeão de um torneio intersindical. Até agora só levantei taça de vice”. Com aquele sorriso que todos os companheiros conhecem, ele garante que nunca deixou de participar das competições esportivas realizadas pelo Sindicato. “São sempre muito boas, e só tenho a agradecer à minha entidade por promover a união dos trabalhadores com futebol. A expectativa no momento é a Copa Sintufrj de Futebol Society”, lembrou.



O que aborrece Lalá

Segundo o técnico-administrativo, as únicas vezes em que fica irritado com os companheiros da UFRJ é durante o processo eleitoral para a direção do Sintufrj. “Fico irritado com as cobranças por ter escolhido uma chapa e não outra. Recebo palavras de baixo calão, e isso me dói muito. Tenho personalidade, sou autêntico. Estou acostumado a chegar e brilhar por tratar a todos com muita educação e respeito. Gosto de todos, mas tenho as minhas escolhas políticas”, frisa o companheiro – uma unanimidade entre os servidores com os quais compartilha trabalho e lazer na universidade. “Nem sei como vai ser quando tiver que ir embora”, deixa escapar, baixinho, o nosso Lalá.



Nesta segunda-feira, 23, às 14h, a Coordenação de Esporte e Lazer realiza reunião com os representantes das equipes inscritas na competição, no Espaço Saúde Sintufrj. Pauta: fechamento dos últimos preparativos para a bola começar a rolar na Copa Sintufrj 2019. É muito importante a presença de todos os envolvidos no evento.

CT adere ao Dia Mundial da Limpeza

Anualmente, o terceiro sábado do mês de setembro é marcado pelo Dia Mundial da Limpeza. Ao redor do mundo, ativistas e entidades de preservação do meio ambiente elaboram uma agenda de atividades em parceria com empresas e governos, buscando alertar para a conscientização a respeito do lixo.

Na UFRJ não podia ser diferente: estudantes de graduação e pós-graduação organizaram na sexta-feira, 20, um mutirão de limpeza entre os blocos, corredores e estacionamento do Centro de Tecnologia (CT), coletando, em geral, materiais recicláveis.

“Limpar o Mundo” – Como explicaram as estudantes Caroline Contador, mestrande do Programa de Engenharia Civil, e Maria Alice Lopes, da graduação em Engenharia Ambiental, a atividade faz parte do cronograma da organização “Clean Up The World” (“Limpar o Mundo”). “O projeto pretende educar ambientalmente e ressignificar o que é lixo e resíduo”, disse Caroline, que também é presidenta da UFRJ Copri, um grupo de filiação internacional da pós-graduação da Coppe. A atividade dialogou com a Greve Global pelo Clima deflagrada também no dia 20 de setembro.

Reciclagem – Os materiais recolhidos no mutirão no CT passaram por uma triagem, onde foram separados os metais, papéis, plásticos e vidros e pesados. Depois disso, serão enviados ao Recicla CT.



BENEFÍCIOS EM DOBRO!

CARTÃO

Clube de Benefícios

(R\$ 29,90 Mensal)

CARTÃO

Crédito Consignado

- Clube de Descontos
- Desconto Medicamentos
- Acesso à Medicina
- Assistência Saúde 24h
- Seguro Vida | R\$ 5.000,00
- Assistência Funeral

- Crédito Consignado
- Sem consulta Serasa | SPC
- Menor Taxa do Mercado
- Dinheiro direto na sua conta

Contato: Tel: (21) 2544.1344 | (21) 99368.8677

Às terças-feiras, das 9h às 17h,
atendimento aos interessados na sede do Sintufrj.

EXPEDIENTE

Coordenação de Comunicação Sindical: Kátia da Conceição (in memoriam) e Marisa Araujo / **Conselho Editorial:** Coordenação Geral e Coordenação de Comunicação / **Edição:** Ana de Angelis e L.C.M. / **Reportagem:** Ana de Angelis, Eliane Amaral e Regina Rocha / **Estagiário:** Lucas Azevedo / **Projeto Gráfico:** Jamil Malafaia / **Diagramação:** Luís Fernando Couto e Jamil Malafaia / **Fotografia:** Renan Silva / **Revisão:** Roberto Azul / **Tiragem:** 4.500 exemplares / *As matérias não assinadas deste jornal são de responsabilidade da Coordenação de Comunicação Sindical* / **Impressão:** 3graf (21) 3860-0100.

FALE COM A REDAÇÃO: comunic@sintufrj.org.br / Telefones: 21 3194 -7112 / 7146 - **RECEPÇÃO DO SINTUFRJ:** Telefones: 21 3194-7101 / 7104.

Educação no centro da luta contra o governo

A plenária nacional da Fasubra, realizada nos dias 14 e 15 de setembro, concluiu, acertadamente, que, diante de um governo que elege a educação como seu principal inimigo – desde o ensino fundamental, básico ao último grau na escala acadêmica –, que retira dos trabalhadores direitos para uma sobrevivência digna, que anuncia a venda indiscriminada de empresas estatais e o fim dos serviços públicos, só nos resta reagir com muita firmeza e unidade.

O momento que se vive hoje é tão grave que, com certeza, entrará para a história do país. Por essa razão, o Sintufjrj defende que a Fasubra assumo o protagonismo da construção de um movi-

mento unificado da educação para a deflagração de uma greve do setor coesa e imbatível.

Olhar nacional

Por isso, consideramos um equívoco a orientação da Fasubra para que em cada universidade os técnicos-administrativos em educação decidam se querem greve, e que tipo de greve.

Nesta conjuntura seriíssima, é necessário que nossa direção nacional tenha uma posição firme que oriente a categoria a construir um movimento forte, coeso e unificado, capaz de enfrentar as possíveis retaliações do governo contra a luta deflagrada.

2 e 3 de outubro: a categoria vai parar

A direção do Sintufjrj vai se articular com os outros movimentos da educação na UFRJ para construir, conjuntamente, esses dois dias de lutas.

Foto: Fasubra



Editorial | Ataques do governo exigem unidade e mobilização

A desmoralização internacional do país só aumenta: o Brasil foi excluído da programação da Cúpula do Clima da ONU – resultado direto da política de destruição do meio ambiente defendida por Bolsonaro e que escandalizou o mundo com as queimadas promovidas por latifundiários da base do governo na Amazônia.

Enquanto isso, o governo perde popularidade interna e aumenta a sua coleção de atrocidades. A crise nas universidades é insustentável. A pesquisa nacional agoniza; corremos o risco de perder profissionais brilhantes para outros países,

atrasando o nosso desenvolvimento. Enquanto isso, o Future-se é apresentado para chantagear as universidades: ou abrem mão da autonomia e rendem-se aos interesses do mercado, ou padecerão de condições miseráveis pelo próximo período.

Em paralelo, trabalhadores de diversas estatais convivem com a iminência da privatização. O cardápio é diverso: Bolsonaro e Paulo Guedes querem vender desde empresas como Correios e Casa da Moeda, até Serpro e Dataprev. Resumo da ópera: o governo quer entregar até a confecção do nosso

dinheiro, a base de dados e a tecnologia nacional para o controle privado.

O setor energético também é ameaçado: o desmonte do sistema Petrobras diminui o peso da principal empresa brasileira; a Eletrobras é anunciada como parte do balcão de negócios que interessam o mercado financeiro.

Um governo que elege a educação como alvo principal dos seus ataques, que coloca as empresas estatais em liquidação em uma verdadeira “black friday” do patrimônio nacional, que despreza a democracia e retira os direitos do povo é um

governo inimigo dos trabalhadores.

Não existe outro tratamento possível para o governo Bolsonaro. É urgente a construção de um amplo processo de mobilização que coloque no horizonte a realização de uma greve contra o governo, unificando todos os segmentos da educação pública e os trabalhadores das estatais em uma campanha em defesa da educação pública, da soberania nacional e contra as privatizações.

É preciso iniciar já este processo, sabendo que, do outro lado, temos um governo que não terá pudores em cor-

tar ponto, suspender salários, perseguir dirigentes sindicais e reprimir os trabalhadores. Isto deve ser levado em consideração não como um freio, mas para evitar vanguardismos, ações isoladas e fragmentadas. Precisamos de unidade, direção política nacional e mobilização de massas!

Nosso primeiro teste tem data marcada: dias 2 e 3 de outubro vamos parar completamente as atividades por 48 horas. O Sintufjrj convoca a categoria para cruzar os braços e ocupar as ruas. Só a nossa luta poderá derrotar Bolsonaro e a política de destruição do seu governo!

50 anos de história

celebrados com honra o dia a dia do maio

Na sessão solene do Conselho de Coordenação do Centro de Ciências da Saúde (CCS) em comemoração ao jubileu de ouro do maior centro da UFRJ, dia 16, no auditório Rodolpho Paulo Rocco (Quinhentão), foram muitos os momentos de emoção para o público presente com as homenagens aos trabalhadores “invisíveis” que garantem as condições para a realização das aulas, das pesquisas e dos projetos de extensão, e a ex-decanos. Um pouco da história do Centro foi contada no vídeo com depoimento de dirigentes e professores eméritos. O SintufRJ foi representado pela coordenadora-geral Neuza Luzia, servidora da Faculdade de Medicina.

A solenidade foi aberta com a apresentação do projeto de extensão Sons do Silêncio, composto de músicos e coral, sob a regência do maestro e doutorando do CCS, Erivaldo Braga. O tom dos discursos da reitora Denise Pires, ex-aluna e professora do Centro; do decano Luiz Eurico Nasciutti; da dirigente do DCE Mário Prata, Juliana Junto; e do presidente da comissão organizadora do jubileu, Antônio Ledo era de protesto aos ataques às universidades públicas e à produção científica no país.

“Enaltecer a pessoa humana é fundamental, e nós somos o produto de cada um que se dedica a essa instituição”, disse.

Homenagens

Ana Esteves, que por 21 anos chefiou a secretaria do gabinete da Decania, fez

parte da mesa da solenidade representando os técnicos-administrativos em educação e foi uma das homenageadas. No seu discurso, ela destacou o profissionalismo dos que “construíram e constroem o dia a dia do CCS, trabalhando nos bastidores, quase invisíveis para a maioria”, garantindo a infraestrutura necessária para a realização dos trabalhos acadêmicos e o atendimento ao público.

“Essas pessoas que a gente não vê ajudam a construir o CCS que vemos”, disse a servidora, que concluiu a tarefa com uma saudação reverencial: “Namastê”.

Também receberam certificado de reconhecimento os servidores mais antigos: o marceneiro Nero José do Nascimento, o assistente em administração da biblioteca José Carlos da Silva Paz, o mestre de ofício Jorge Pierre da Costa e o engenheiro do Escritório de Planejamento Judas Tadeu Siqueira Rodrigues. E foram homenageados pela dedicação e excelentes serviços prestados ao CCS o técnico de audiovisual Sylvio Petrônio Rocha Lopes e

o administrador Sebastião Amaro Coelho.

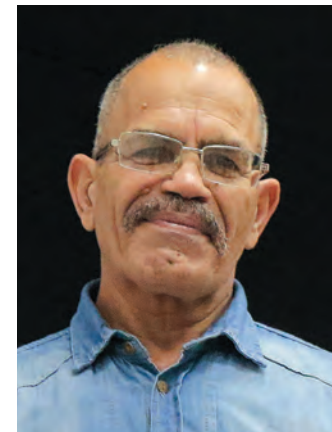
Os ex-decanos receberam placas de agradecimento pelas contribuições acadêmicas ao Centro. Nasciutti e Denise Pires inauguraram a placa comemorativa dos 50 anos do Centro. O evento foi encerrado com a apresentação da Companhia de Dança da Escola de Educação Física e Desportos.

O maior

Luiz Eurico Nasciutti recomendou firmeza neste momento de agressão à UFRJ: “O CCS tem cumprido esse papel, com suas 26 unidades trabalhando e produzindo conhecimento importante para toda a área da saúde”, disse. A professora Diana Maul lembrou que o Centro reúne não apenas o maior número de unidades, mas algumas das mais antigas para a formação de profissionais da saúde e de colaboração às pesquisas científicas em várias áreas. Antônio Ledo acrescentou que o CCS atua para o bem maior do ser humano, que é a saúde em várias perspectivas: “Da microbiologia à saúde coletiva e, nestes 50 anos, também formando profissionais competentes, realizando pesquisas básicas e aplicadas de alta qualidade, ações de extensão e cumprindo seu papel social”.

Trajatória

O CCS foi criado no dia 4 de setembro de 1969 como Centro de Ciências Médicas e aos poucos foi sendo integrado à Faculdade de Medicina, Escola de Enfermagem Anna Nery, Faculdade de Farmácia, Faculdade de



Homenagens a quem constrói o centro acadêmico da UFRJ

Fotos: Renan Silva



Odontologia, Instituto de Biofísica Carlos Chagas Filho, Instituto de Microbiologia Paulo de Góes, Instituto de Nutrição Josué de Castro e Instituto de Ciências Biomédicas.

Mais tarde passou a responder pela Escola de Educação Física e Desportos e pelo Instituto de Biologia, e implantou o Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde (atual Instituto Nutes). Em 2003, 2004, 2005 e 2006 vieram os recém-criados Instituto do Coração Edson Saad, Instituto de Bioquímica Médica Leopoldo de Meis, Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Sócio-Ambiental de Macaé (Nupem) e o Núcleo de Pesquisa em Produtos Naturais Walter Mors (Instituto NPPN), respectivamente. Em 2013, o Centro Nacional em Biologia Estrutural e Bioimagem (Cenabio), e, em 2018, o Núcleo de Biotética e Ética Aplicada (Nubem).

Também fazem parte da estrutura acadêmica do CCS as unidades do Complexo Hospitalar: Hospital Universitário Clementino Fraga Filho e os Institutos de Atenção à Saúde São Francisco de Assis (Hesfa); Doenças do Tórax; Estudos em Saúde Coletiva; Neurologia Deolindo Couto; Ginecologia; Psiquiatria; Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira e a Maternidade Escola.

Números

“Somos 36 unidades com cerca de 1.500 professores (cerca de 140 eméritos) e cinco mil técnicos-administrativos. Temos 13 mil estudantes de graduação distribuídos pelos 31 cursos, que representam cerca de 32% do total de cursos da UFRJ. Esses números, bastante significativos, estão diretamente relacionados com a excelência das atividades

realizadas no Centro”, contabilizou o decano Luiz Eurico Nasciutti.

O CCS oferece 29 programas de pós-graduação, a grande maioria com as maiores notas na avaliação da Capes (agência de fomento do MEC). Nos últimos anos foram criados seis mestrados profissionais, além de dois no campus Aloísio Teixeira, em Macaé, e no campus Geraldo Cidade, em Duque de Caxias, e há ainda 113 cursos lato sensu.

A grandeza do CCS, aponta o decano, também está relacionada à excelência das atividades de pesquisa realizadas nos seus 395 laboratórios. Além disso, o Centro sedia cinco instituições nacionais de ciência e tecnologia e quatro ramos de pesquisa Faperj (entidade de financiamento de pesquisa) da rede Zika e de outros vírus, todas lideradas por pesquisadores do CCS, que conta com 62 biotérios. Nos últimos cinco anos, foi cadastrada na Pró-Reitoria de Extensão uma média anual de 250 projetos, 150 cursos e 75 eventos de extensão.

Brigadas

O decano destacou o trabalho que as Brigadas Voluntária de Incêndio e de Produtos Perigosos e a Coordenação de Biossegurança realizam. Cerca de 130 pessoas foram treinadas para atuar em situações de emergência. “O trabalho voluntário dessas pessoas tem possibilitado nossa segurança e a não interrupção das atividades acadêmicas”, ressaltou Nasciutti, que também elogiou a atuação do Setor de Humanização e Acolhimento.

Depoimentos

"Esse universo que é o CCS não pode parar"

“Foi uma honra ser escolhida para representar os técnicos-administrativos na solenidade”, disse, emocionada, Ana Esteves, exibindo com orgulho o certificado que recebeu em reconhecimento à sua dedicação e ao excelente serviço prestado ao CCS por mais de duas décadas. E mesmo aposentada, ela continua servindo à comunidade do Centro, ministrando aulas de ioga como voluntária no Setor de Humanização e Acolhimento.

Todos os trabalhadores do CCS são dignos de homenagens, segundo Ana. “São pessoas que muitas vezes não são vistas, mas que sempre estiveram nos bastidores e carregam literalmente o piano quando é necessário, porque o espetáculo não pode parar. Tudo deve estar em ordem. Nada pode dar errado. O contrarregra não pode falhar. Esse universo que é o CCS não pode parar”.

Os olhos do Centro

Com 31 anos de UFRJ, Sebastião Amaro Coelho, administrador do CCS, também foi homenageado. “É legal quando a gente é lembrado por procurar fazer o melhor para o Centro funcionar, e bem. A administração são os olhos do prédio, porque tem que estar atenta a tudo que ocorre, independente da hora. Mas também nada acontece sem a limpeza, manutenção e a área técnica atuando”, reconheceu Sebastião.

Presente de Deus

O técnico em audiovisual Sylvio Petrônio Rocha Lopes, outro trabalhador homenageado, é quem comanda o Setor Audiovisual do CCS desde 2011, quando ingressou na UFRJ. Suas ferramentas de trabalho são projetores, data show e equipamentos de som. Sem esse profissional seria difícil (ou impossível) realizar atividades acadêmicas (conferências, cursos, seminários) e eventos festivos (como formaturas) nas cerca de 60 salas de aula, auditórios, teatro de arena, entre outros espaços do Centro. “Foi muito importante para a minha vida profissional entrar na universidade. Um presente de Deus”, definiu o servidor”.

Preocupação é com o salário dos extraquadro

Apesar das dificuldades, o Hospital Universitário se mantém como referência no atendimento de doenças de alta complexidade



PESQUISAS em andamento: 317

O contingenciamento de verbas pelo governo federal provocou contenção de despesas na UFRJ. Medidas de racionamento e suspensão de serviços terceirizados estão sendo adotadas pela Reitoria, mas o diretor do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HU-CFF), Marcos Freire, garante que a unidade não vai parar, conforme alguns veículos de comunicação andam divulgando. A única preocupação dele no momento é com o pagamento dos salários dos extraquadro nos próximos três meses.

“Somente os serviços pagos pela universidade correm risco de serem interrompidos, como os contratos de limpeza, vigilância e alguns administrativos do almoxarifado”, tranquilizou Freire. Ele, inclusive, disse que pode assumir provisoriamente o pagamento do pessoal da limpeza, caso a Reitoria fique sem dinheiro para cobrir a despesa. O grande problema a ser enfrentado pelo hospital, caso o governo não libere a verba da UFRJ, é mesmo com o pagamento dos profissionais extraquadro.

“Extraquadro não posso



Fotos: Renan Silva

LEITOS ativos: 280; 100 exames de imagens/dia

pagar e muito menos usar dinheiro do SUS para pagar pessoal. Esse é realmente um grande problema nosso para outubro se não entrar dinheiro. São 627 funcionários extraquadro, uma força de trabalho significativa. Se isso ocorrer (faltar dinheiro), o hospital vai ter de se adaptar, mas tenho esperança de que o MEC libere uma parte do dinheiro para o pagamento mensal desses terceirizados”, disse o diretor.

Situação estabilizada

Segundo Freire, mesmo com o subfinanciamento dos hospitais universitários

e diante do atual cenário político desfavorável à Educação, o HU se encontra estabilizado e com boas perspectivas. A unidade ampliou o número de equipamentos em 2018, e em abril deste ano inaugurou uma nova enfermaria com 32 leitos no 9º andar. E está em andamento a reforma do Centro de Terapia Intensiva (CTI) – que no ano passado foi bastante atingido pelas fortes chuvas e está atualmente funcionando no 8º andar. Com o término da obra, a previsão é que em até um ano sejam abertos 23 novos leitos.



AMBULATÓRIO: atende uma média de 1.200 pacientes/dia; são no mínimo 25 cirurgias/dia

Prédio antigo

Em 2013, o Ministério Público Federal (MPF) moveu ação civil pública apontando as graves precariedades no prédio do HU, como nas redes hidráulica e elétrica, com risco de incêndio com vítimas. A maioria dos problemas na estrutura é devido a construção ser muito antiga – foi iniciada na década de 1950 e inaugurada somente em 1978.

Segundo a assessoria de imprensa, a Divisão de Engenharia (DEG) do Hospital Universitário iniciou em julho deste ano a revisão das instalações elétricas e hidráulicas, e as tubulações antigas estão sendo trocadas à medida que a rotina exige. Além disso, um projeto de prevenção de incêndios e pânico foi iniciado. Todas as providências adotadas pela direção foram levadas ao MPF no dia 10 deste mês.

Maior do Rio

O HU é o maior hospital do Rio de Janeiro em volume de consultas, principalmente de ambulatórios especializados em doenças de alta complexidade: por dia, são cerca de 1.200 atendimentos ambulatoriais, mais de 100 procedimentos de imagem e uma média de 25 cirurgias. São 280 leitos ativos e 317 pesquisas em andamento.

Esse resultado, segundo a direção, deve-se à dedicação e ao comprometimento dos profissionais. Apesar de toda a adversidade do dia a dia enfrentada por eles em consequência dos poucos recursos, o hospital presta um bom serviço à população.

Livro desfaz mitos para ajudar mulheres vítimas de violência doméstica e sexual

A 13ª edição do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, elaborado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, divulgado este mês, aponta o aumento da violência contra as mulheres no país: mais de 66 mil casos foram registrados em 2018 – cerca de mais de 180 por dia –, sendo que a maioria das vítimas tinha 13 anos (54%) e os autores eram conhecidos: estavam entre familiares, vizinhos e amigos. Medo, vergonha ou incapacidade de denunciar sozinhas compõem o drama vivido pelas crianças, adolescentes e adultas submetidas à violência sexual, enquanto as instituições públicas silenciam diante dessas barbáries.

O aumento dos casos de estupro contra mulheres foi acompanhado do crescimento de outras modalidades de crime, como o feminicídio e a agressão doméstica. E 88,8% dos autores de feminicídio são companheiros ou ex-companheiros das vítimas; 65,6% das vítimas foram mortas em suas residências e 58% tinham entre 20 e 40 anos. Segundo constata a diretora executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, Samira Bueno, esta não é uma pauta prioritária para o Estado brasileiro.

As consequências desse descaso, o estudo mostra: redução dos indicadores de violência letal e, principalmente, dos crimes contra o patrimônio, enquanto aqueles relativos a todas as modalidades de violência contra a mulher cresceram. Samira aponta a necessidade de discussão sobre a equidade de gênero nas escolas para desconstruir estereótipos que os homens aprendem muitas vezes no âmbito doméstico.

Leitura obrigatória

A violência doméstica e familiar contra a mulher é um problema de toda a sociedade. Além de sintetizar uma constatação necessária, a frase é o título do livro produzido pelo Instituto Patrícia Galvão, a pedido da Paulinas Editora, e lançado na XIX Bienal Internacional do Livro, no Riocentro. A obra reúne textos de 17 autores e foi prefaciada pela mulher que deu nome à Lei Maria da Penha e que se tornou símbolo do direito de toda mulher a uma vida sem violência. Entre as escritoras está a assistente social da UFRJ Marisa Chaves, militante feminista há mais de 30 anos e há quatro à frente do Centro de Referência para Mulheres (CRM) Suely Souza de Almeida, no Fundão.

“Nosso interesse maior é que a Paulinas Editora (católica) dissemine o livro entre as arquidioceses para que, no espaço das igrejas, se organizem pequenos grupos para debater mitos que ainda vigoram e difi-



MARISA Chaves apresenta o livro na Bienal



AUTORA no estande da Bienal com leitoras

cultam o rompimento do ciclo de violência a que as mulheres são submetidas”, disse a ativista, cujo artigo foi apresentado na coletânea por Maria Penha da seguinte forma: “... Marisa Chaves desfaz alguns mitos recorrentes sobre a violência doméstica e sexual contra a mulher, frutos de muita desinformação e preconceito, e mostra quais são as verdades por trás deles”.

Desfazendo mitos

“Muitas pessoas questionam, por exemplo, se ao sair de casa a mulher perde direito ao imóvel. A legislação assegura que o direito ao patrimônio se mantém. Muitas vezes também a mulher pensa que é melhor ficar com o marido, caso contrário, pode perder a guarda das crianças. Então, o meu artigo contribui para a desconstrução desses mitos que ainda estão fortes nos dias atuais”, explicou a autora.

“Precisamos mostrar à mulher refém do medo que a sociedade se importa com ela, que briga de marido e mulher é para meter a colher, que o Estado tem responsabilidade e que haja serviços como o Centro de Referência da UFRJ para acompanhar essa mulher, para que ela não se sinta só nessa mudança radical que terá que fazer”, defendeu a ativista.

O CRM Suely Souza de Almeida foi criado em 22 de março de 2016 com verba da Secretaria de Políticas para Mulheres, mas é mantido com recursos da própria universidade. “Um serviço”, segundo Marisa, “dedicado não só à formação acadêmica, mas também ao atendimento psicossocial de alunas, servidoras e mulheres das comunidades vizinhas e até de outros municípios”.

Fotos: Divulgação

Brasil de hoje inspira “Sonho estranho”

Foto: Renan Silva

Moacyr Luz, renomado músico e compositor carioca, com mais de 100 músicas de sua autoria e coautoria, que também atende pelo apelido carinhoso de “Moa”, lançou, recentemente, um novo samba intitulado “Sonho estranho”, em parceria com Chico Alves. A música, que viralizou nas redes, fala de um Brasil que precisa acordar de seu sonho sombrio, autoritário e nefasto.

O compositor foi o entrevistado do programa **Sintufrj Linha Direta** (edição de 16 de setembro), que vai ao ar toda semana na página do Sindicato no Facebook. A equipe do **Jornal do Sintufrj** foi ao Clube Renascença, no Andaraí, cenário do Samba do Trabalhador, às segundas-feiras, bater um papo com o sambista sobre “Sonho estranho” e a perspectiva da arte e da cultura num cenário tão adverso como o Brasil de hoje.

A roda de samba no Renascença, que estreou em 2005, foi ideia de Moacyr Luz para reunir músicos e outros trabalhadores, como garçons, por exemplo, que trabalham nos fins de semana e folgam na segunda-feira. O nome do projeto

quem deu foi o compositor Toninho Geraes numa brincadeira com o horário da batucada: das 16h às 22h. O Samba do Trabalhador entrou para o calendário da cidade e já é um dos redutos de sambistas mais tradicionais do Rio.

“Sonho estranho”

“Começamos a pensar essa música porque não acreditamos no que está acontecendo no país. Com a democracia, a sociedade conseguiu chegar a um patamar de maturidade e agora vai regredir de uma forma estúpida. Você dorme e já acorda com outras coisas que não são boas. O samba diz não acreditar no que está acontecendo: declarações, arbitrariedades, dois pesos e duas medidas. É uma pena de coisas que nos fazem acreditar que estamos vivendo um pesadelo e uma hora a gente vai acordar”, explica Luz.

“Sonho estranho” deixa também um rastro de luz nessa época sombria ao veicular alguma esperança na letra que evoca versos dos sambas “A flor e o espinho” (Nelson Cavaquinho, Guilherme de Brito e Alcides Caminha,

1957), “Juízo final” (Nelson Cavaquinho e Élcio Soares, 1973) e outros hits de Nelson Cavaquinho (1911-1986).

A arte transforma

Segundo Moa, a classe artística tem um papel de destaque na atual conjuntura. Porque, se por um lado a arte e a cultura foram elencadas como inimigas da sociedade pelo atual governo, com os artistas sendo preteridos e essas áreas sofrendo cortes; por outro a classe artística tem uma responsabilidade grande de conscientizar e denunciar os abusos e arbitrariedades cometidas em todas as partes do mundo, como fez no Brasil da ditadura militar.

“Desde a ditadura a música coloca o dedo na ferida e ensina a resistir, mas hoje as coisas estão sendo minadas. Nos vemos nessa situação como se estivéssemos sem voz, e isso é um perigo muito grande. E, se a gente não tomar cuidado, vai indo e aí é tarde demais para manter a democracia no país”, avaliou Luz, acrescentando: “A música não aliena e sim permite ao povo que respire.



MOACYR LUZ. Momento do bate-papo com Sintufrj Linha Direta

“Sonho estranho”

Sonhei que despertei
E me dei conta que acordei
Noutro país
Onde as pessoas tinham balas de fuzis
E o povo andava sem razão de ser feliz
Era um país fora da lei
Sem diretriz
Embarcação sem direção
Tentando em vão
Colher a paz plantando a guerra
Confesso que senti
Muita saudade do lugar onde aprendi
A caminhar com as pernas tortas de Mané
E respeitar que cada um tem sua fé
A me encantar com a negra voz de Mãe Quelé
E pelas doces mãos de Cosme e Damião
Levar Jesus ao Candomblé
Nesse sonho ruim que eu me via
Nem a poesia falava por nós
Tantos versos sem ter poesia
Canção não havia
Ninguém tinha voz
E pisando meus pés no espinho
Cantava baixinho Nelson Cavaquinho
O Sol vai brilhar outra vez
Tirando a dor do caminho
Agora eu já não sei
Se foi quimera ou foi real
O que sonhei
Se ainda estou noutro lugar ou se voltei
À velha pátria, mãe gentil
Onde eu nasci
Ou se ela, enfim, se transformou no que tá aí
Ando com medo de acordar nesse Brasil
Do sonho estranho que vivi



Foto: Divulgação

SAMBA do Trabalhador. Luz em ação na roda de segunda-feira com outros sambistas